



## O ENSINO DE ARTE EM ESCOLAS ESTADUAIS DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

Maria Cristina dos Santos Peixoto<sup>1</sup>

Doutora em Educação

Ana Carolina de Sousa Vaz<sup>2</sup>

Mestranda em Cognição e Linguagem

Bianka Pires André<sup>3</sup>

Doutora em Educação

### Resumo

O presente artigo apresenta como foco principal o percurso das políticas públicas para o ensino de Arte no país e sua prática nos dias atuais. Para tanto, apresentaremos um mapeamento sobre o ensino de Arte em doze escolas estaduais do município de Campos dos Goytacazes/RJ, que atenderam o segundo segmento do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano entre os meses de Agosto de 2010 a Março de 2011. Esses dados demonstram-se relevantes para o contexto histórico atual de reformulações do processo educativo, no âmbito de uma formação mais inteira e significativa do profissional da educação em Arte. Também, objetivou-se coletar dados a respeito das práticas pedagógicas cotidianas desenvolvidas. Foi possível observar que o modelo atual de ensino, com formação docente inadequada, com falta de preparação específica dos profissionais que trabalham com Arte, não tem proporcionado uma formação de educandos comprometida com a educação estética, sensível e crítica. Nossa pretensão é de contribuir para o avanço da compreensão da importância da Arte na educação tal como instrumento pedagógico

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ, m\_crisalida@hotmail.com;

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ, carolinasousavaz@hotmail.com.

<sup>3</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ, biankapires@gmail.com



capaz de proporcionar um processo de aprendizagem comprometido com a cognição e o sensível, tendo em vista, que a relação com a Arte permitirá inter-relacionar diferentes disciplinas do currículo escolar. Acreditamos que essa pesquisa poderá trazer contribuições para os profissionais da área, no sentido de levá-los à reflexão sobre este novo enfoque dado à disciplina Arte, obrigatória nos currículos escolares e, também, evidenciando a necessidade da continuidade de estudos como possibilidade de mudanças em suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Arte, educação, formação de professores, práticas pedagógicas, tecnologia.

## Abstract

This article presents the main focus the route of public policies for Art education in the country and its practice today. Therefore, we present a mapping on teaching Art in twelve state schools in the municipality of Campos dos Goytacazes / RJ, who attended the second segment of elementary school from 6th to 9th year between the months of August 2010 to March 2011. these data show to be relevant to the current historical context of reformulation of the educational process, as part of a more full and meaningful training in art education professionals. Also aimed to gather data about the developed everyday teaching practices. It was observed that the current model of education, with inadequate teacher training, a lack of specific training of professionals who work with Art, has not provided a training students committed to aesthetic education, sensitive and critical. Our intention is to contribute to the advancement of understanding of the importance of art in education as a pedagogical tool capable of providing a committed learning process with cognition and the sensitive, given that the relationship with art allow different interrelate disciplines of the school curriculum. In an attempt to provisionally conclude this work, we believe that this research could bring contributions to the professionals, in order



to get them to reflect on this new focus given to the Art discipline, compulsory in school curricula, and also highlighting the need of continue their studies as a possibility for changes in their teaching practices.

Keywords: Art, education, teacher training, teaching practices, technology.

## Introdução

O ensino da Arte surgiu no currículo obrigatório escolar no Brasil em 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – Lei 5692/71, sendo considerada como uma “atividade educativa” e não como uma disciplina. Neste período, não haviam cursos de formação de professores de Arte nas universidades brasileiras, apenas cursos para formar professores de desenho, principalmente desenho geométrico. Assim, surge em 1973 o curso de graduação em Educação Artística, cuja modalidade era em Licenciatura Curta, com duração de apenas dois anos, permitindo aos graduados lecionar no 1º grau.

Em 1988 foi promulgada a nova Constituição que tornou necessária a elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. A nova LDB – Lei 9.394/96 manteve a obrigatoriedade da Arte na educação básica: “O ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (artigo 26, § 2º).

Já em 1997/98, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam a área de Arte para o ensino fundamental com orientações para artes visuais, dança, música e teatro.



Os PCNs partem da compreensão do currículo como algo em processo permanente de construção, “propondo uma agenda afirmativa que possibilite a superação dos entraves ou das omissões identificados nas orientações curriculares anteriores” (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2008). Sendo assim, apresentam diretrizes, caminhos, conteúdos, linguagens e critérios de avaliação a fim de expandir as possibilidades para os profissionais da área.

O documento traz em sua primeira parte uma caracterização geral da área de Arte, com uma visão histórica do desenvolvimento do ensino de arte em nosso país, além de uma fundamentação teórica, principalmente no item “a arte como objeto de conhecimento” (PCNs-Arte I) / “a arte como conhecimento” (PCNs-Arte II). É apresentada, ainda, uma orientação para a prática pedagógica em Arte, abordada em termos globais, com os itens voltados para os objetivos e conteúdos, nos dois documentos, e ainda o item sobre avaliação, no texto para os 3º e 4º ciclos / 6ª a 9ª anos.

Nesse sentido, atualmente, o ensino de Arte caracteriza-se por trazer novas abordagens, criando desafios em práticas cotidianas, tais como: a presença da imagem no contexto do que se designa chamar de cultura visual e a influência da mediação das novas tecnologias.

Tais questões têm refletido no atual ensino de arte nas escolas, tendo em vista que a formação docente, muitas vezes, não tem acompanhado essas transformações.

Nesse sentido, Meira (2003) pontua que o desafio atual de uma educação pela Arte é deixar de ser mais uma disciplina do currículo escolar e se tornar: “algo incorporado à vida do sujeito, que o faça buscar a presença da arte como uma necessidade e um prazer, como fruição ou como produção, porque em ambas a arte promove a experiência criadora da sensibilidade” (Meira, 2003, p. 131).



Sendo assim, é imprescindível que a atual formação dos professores de Arte se direcione a uma capacitação estética e sensível significativa, capaz de romper paradigmas e superar desafios. Nesse sentido, Barbosa (1993) ressalta que:

Os professores de arte conseguem os seus diplomas, mas eles são incapazes de prover uma educação artística e estética que forneça informação histórica, compreensão de uma gramática visual e compreensão do fazer artístico como autoexpressão. Muito aprendizado seria necessário além do que a universidade vem dando até agora. Os professores reagem contra o que não estão preparados para ensinar (Barbosa, 1993, p. 14).

Essas questões apontam para a necessidade de pesquisas sobre a formação docente em Arte, que venham marcadas pelos embates de uma sociedade tecnológica e globalizadora.

Nesse sentido, a pesquisa foi sustentada teoricamente em Barbosa (1985), Peixoto (2008), Read (2001), Duarte Júnior (1991), Freire (2011), e outros, que defendem a Arte enquanto campo de conhecimento e a sua necessidade como instrumento educativo capaz de contribuir na ampliação da consciência de si e de uma visão do mundo comprometida com intervenções mais criativas que o momento histórico exige.

Apresentamos um mapeamento sobre a formação dos professores de Arte de doze escolas estaduais do município de Campos dos Goytacazes/RJ, que atendem o segundo segmento do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, demonstrando-se relevante para o contexto histórico atual de reformulações do processo educativo, no âmbito de uma formação mais inteira e significativa do profissional da educação em Arte.



Por sua vez, o cotidiano escolar, fruto das contradições em que se encontra imerso, deve cada vez mais abrir espaços de discussões em direção à necessidade que uma formação continuada de professores que seja entendida como um mecanismo de permanente capacitação reflexiva frente às múltiplas exigências e desafios do mundo atual.

Como recursos para coleta de dados, utilizamos um questionários, que foram entregues a professores de Artes, contendo vinte e duas questões a respeito de sua formação acadêmica, dos conhecimentos em Arte obtidos e das práticas em sala de aula. Além dos questionários, usamos a observação da dinâmica da aula, dos murais e de atividades presentes no espaço escolar.

Após, delimitamos o objeto de estudo através de um levantamento bibliográfico que possibilitou basear-nos nos seguintes olhares:

Não existe apenas uma definição sobre o que é arte. Sabemos que a idéia de arte é construída socialmente, com base em referências históricas, através de teorias e outras referências sobre a formação escolar e os contextos sócio culturais. Alguns entendem a arte sendo ao mesmo tempo, uma atividade, uma forma de expressão e um campo de conhecimento. (Peixoto, 2008, p.36)

Na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte está relacionada com as demais áreas de conhecimento e tem suas especificidades:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (PCNs – Arte, 2001, p.19).



Percebemos que a escola do século XXI tem como desafio formar cidadãos com capacidade de entender e intervir na sociedade em que vivem, despertando o prazer pelo conhecimento, pelas atividades esportivas e culturais, pelas aulas participativas, pela convivência, entre outros, em um mundo que vive cercado de computadores e celulares. Em algumas escolas, é possível observar que essa sobrecarga de responsabilidade desmotiva os alunos, pois os professores apresentam poucos recursos e desinteressantes metodologias, que não acompanham o avanço tecnológico. Nesse sentido, Duarte-Júnior pontua que:

[...] Por exigências de nossa civilização, devemos separar nossos sentimentos e emoções de nosso raciocínio e inteligência. Há locais e atividades onde devemos ser “racionais” apenas, deixando de lado as emoções. Já em outros, podemos sentir e manifestar dor, prazer, amor, alegrias, tristezas etc. Estamos divididos e compartimentados num mundo altamente especializado, e, se quisermos alcançar o “sucesso”, devemos manter essa compartimentação. Por isso nossas escolas iniciam-nos, desde cedo, na técnica do esartejamento mental (Duarte-Júnior, 1991, p. 11).

Nesse sentido, Magalhães (2002) expressa a sua preocupação com o ensino da Arte no Brasil, ao afirmar que:

Muitas são as questões que envolvem os motivos de tantas fragilidades conceituais e metodológicas no campo do ensino-aprendizagem em Arte: a inexistência de recursos humanos, a inexperiência pedagógica e a conseqüente falta de questionamentos, são as causas apontadas pelo Parecer nº 540/77, [...]. Faz-se necessário repensar o papel da Arte na educação escolar frente às reformas curriculares advindas da LDB atual (Lei 9.394/96) e a conseqüente divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais-Arte, elaborados pelo MEC [...] que ratificam a presença das diversas linguagens artísticas nas escolas – música, teatro, dança e artes visuais e a Proposta de Diretrizes Curriculares sistematizada pela Comissão de Especialistas de Ensino de Artes Visuais da



SESu/MEC. Em vista disso, urge a necessidade de resinificar os currículos escolares de maneira geral, principalmente, a formação do professor de Arte frente à rapidez das mudanças deste final de milênio. Como os cursos de Licenciatura em Artes estão preparando o professor para um posicionamento crítico frente às novas perspectivas teórico-metodológicas subjacentes nos documentos propostos pelo MEC? (Magalhães, 2002, p. 164-165)

Esta argumentação nos permite refletir sobre a qualidade do ensino de Arte apresentada atualmente nas escolas estaduais públicas do município de Campos dos Goytacazes. Assim, algumas questões nos movem: O ensino atual de Arte tem correspondido aos critérios estabelecidos pelas propostas da política atual? A formação dos professores de Arte tem acompanhado as políticas de orientação curricular? As novas políticas de orientação curricular em Artes são utilizadas na prática? O quadro de professores de Arte está completo nas escolas estaduais de Campos dos Goytacazes?

## **Materiais e Métodos**

Elegemos uma metodologia qualitativa exploratória, através de questionário a ser respondido por professores do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental, de doze escolas estaduais, do município de Campos dos Goytacazes.

Inicialmente, foram feitas observação de atividades expressivas desenvolvidas em Arte pelos professores das escolas. Após, foram entregues dez questionários a professores de Arte e obtivemos o retorno de oito questionários, dentre eles seis respondidos, um parcialmente respondido, um em branco e dois não foram devolvidos.



Os questionários foram constituídos de vinte e duas perguntas, quinze são fechadas e sete abertas, nos quais os professores puderam opinar, exemplificar, justificar e dar sugestões acerca dos assuntos. A seguir, apresentamos itens que foram abordados no questionário.

## Resultados

A coleta de dados ocorreu em doze escolas estaduais de Campos dos Goytacazes. Não houve critério específico para a seleção dessas escolas. Foram selecionadas: C.E. Dr. Thiers Cardoso, C.E. Nilo Peçanha, C.E. Visconde do Rio Branco, CIEP Nilo Peçanha, E.E. 15 de Novembro, E.E. Dr. Alcindor Moraes Bessa, E.E. Dr. Phillippe Uebe, E.E. Joaquim Athaíde, E.E. José Francisco Salles, E.E. José Patrocínio, ISEPAN e Liceu de Humanidades de Campos.

O público alvo da pesquisa foram os professores de Arte das escolas estaduais selecionadas. Para a constatação do preenchimento do quadro de professores de Arte nas escolas, foi feito contato direto com diretores, secretários e/ou coordenadores das unidades pesquisadas.

Observamos abaixo o quadro de professores de Arte nas escolas pesquisadas no período de agosto de 2010 a março de 2011:

**Tabela 01 – Quadro de professores de Arte nas escolas pesquisadas**

ESCOLA	6º ANO	7º ANO	8º ANO	9º ANO
C. E. Dr. Thiers Cardoso	■	■	□	□
C. E. Nilo Peçanha	■	■	■	■
C. E. Visconde do Rio Branco	■	■	■	■
CIEP Nilo Peçanha	□	□	□	□



E. E. 15 de Novembro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
E. E. Dr. Alcindor Moraes Bessa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E. E. Dr. Phillippe Uebe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E. E. Joaquim Athaíde	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
E. E. José Francisco Salles	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
E. E. José Patrocínio	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
ISEPAN	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Liceu de Humanidades de Campos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Período pesquisado: Agosto/2010 a Março/2011.

Fonte: Dados da pesquisa.

### Legenda:

<input checked="" type="checkbox"/>	<b>Completo</b>
<input type="checkbox"/>	<b>Ausência de professor</b>

Os dados coletados apresentam uma grande preocupação: a carência de professores de arte nas escolas. Dentre as doze escolas visitadas, sete sofrem com a ausência de professores de Arte nas séries finais do Ensino Fundamental.

### Quanto ao uso de diferentes linguagens expressivas

Como observamos anteriormente, os PCNs se referem à grande área de arte para o ensino fundamental, com orientações para as quatro áreas: artes visuais, dança, música e teatro. Nesse sentido, questionamos aos professores sobre o uso dessas diferentes linguagens em suas aulas:



**Tabela 02 – O uso de diferentes linguagens expressivas**

<b>Quantidade de professores que trabalham com as linguagens</b>	<b>Linguagens dos PCNs presentes na prática pedagógica</b>
6	Artes Visuais
4	Teatro
4	Música
3	Todas

Fonte: Dados da pesquisa.

Verificamos que a maioria dos professores trabalha em suas aulas somente com as Artes Visuais. Em reflexo a este resultado, percebemos que 86% dos professores afirmaram que concordam que muitos não estão habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas, como as artes plásticas, educação musical e artes cênicas. Para tal afirmação, destacamos algumas justificativas:

*Docente 1: “A formação acadêmica prioriza, em geral, apenas uma das linguagens artísticas.”*

*Docente 2: “A minha formação é em Artes Plásticas e as outras áreas não tenho domínio que julgo necessário para trabalhar.”*

De acordo com os documentos oficiais, cabe às escolas a indicação das linguagens artísticas e “sua sequência no andamento curricular” (PCN-Arte II, p. 54;



PCN-Arte I, p. 95), os documentos sugerem que, “a critério das escolas e respectivos professores, (...) os projetos curriculares se preocupem em variar as formas artísticas propostas ao longo da escolaridade, quando serão trabalhadas Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro.” (PCN-Arte II, p. 62-6; PCN-Arte I, p. 57).

## **Quanto à formação profissional**

Observamos ainda que 57% dos professores pesquisados estão na rede de ensino há menos de cinco anos e 29% são mais experientes, em termos de prática profissional, com mais de vinte anos de magistério.

Sobre a natureza da sua graduação, constatamos que o predominante desta pesquisa, são os professores que tiveram sua formação em Bacharelado/Licenciatura, dado que em si, que pouco esclarece sobre a qualidade de sua formação. Somente um docente, entre os que responderam o questionário, possui duas graduações.

Uma vez que, durante as observações feitas em sala de aula, percebemos as dificuldades que os professores apresentam em trabalhar em suas práticas pedagógicas cotidianas as orientações expostas nos PCNs. Para melhor compreender a respeito do que pensam sobre a disciplina Arte, pedimos para que os docentes definissem o que entendem sobre Arte. Dentre as respostas, destacamos algumas:

*Docente 1: “É algo que desperta prazer na forma das coisas, do seu som, do colorido e da maneira de percebermos as coisas. A arte é cheia de significados onde você sente prazer quando olha ou faz.”*



Docente 2: *“É sensibilidade, escuta atenta do que me rodeia, emoção. É nunca deixar de se surpreender, é renovar-se. Enfim, é minha inspiração.”*

Docente 3: *“Arte é área de conhecimento como as outras disciplinas. Trabalha a percepção lógica e a criatividade. É importante para o crescimento humano.”*

Docente 4: *“Expressão do homem em toda a sua complexidade existencial, executando ideias de acordo com suas habilidades e seu potencial criativo.”*

Docente 5: *“É a expressão dos sentimentos, da criatividade e da imaginação. Ou tudo isso junto.”*

Docente 6: *“Uma forma de expressão.”*

Docente 7: *“Criatividade, imaginação, observação, posicionamento crítico e valorização da pluralidade cultural.”*

Percebemos que 43% dos professores atribuem a Arte a expressão de sentimentos, outros 57% se dividem em capacidades e habilidades específicas e o fazer criativo. A partir de tais análises podemos acrescentar que as diferentes formas de pensar a Arte e o seu ensino são constituídas nas relações socioculturais, econômicas e políticas no momento histórico em que se desenvolveram. Nesse



sentido, as diversas teorias sobre a Arte estabelecem referências sobre sua função social, tais como: da arte como expressão, como técnica e como terapia, como apresentado nos dados coletados.

Destacamos que em 2001, o Plano Nacional de Educação – PNE (Lei nº 10.172/2001) estabeleceu objetivos e metas para a formação inicial e continuada dos professores e demais servidores da educação, enfatizando que se faz necessário criar programas articulados entre as instituições públicas de ensino superior e as secretarias de educação, de modo a elevar o “padrão mínimo de qualidade de ensino”.

Nesse sentido, observamos nos questionários que 100% professores já fizeram curso específico em Artes, tais como: Sensibilização para professores de Arte, Pós- graduação em Arte, Pós-graduação em Arte e Educação. Em 14% dos casos, o curso foi oferecido pela rede Municipal, 29% pela Estadual e 57% pela Privada.

Cabe ressaltar que entendemos que os professores precisam vivenciar novas técnicas de pesquisa, estimular, animar, planejar e introduzir o pensamento criativo, para serem capazes de despertar a comunicação com a sensibilidade e a adaptação com as mudanças. Os PCNs (1998) pontuam que:

O professor precisa conhecer a história da arte para poder escolher o que ensinar, com o objetivo de que os alunos compreendam que os trabalhos de arte não existem isoladamente, mas relacionam-se com as ideias e tendências de uma determinada época e localidade. A apreensão da arte se dá como fenômeno imerso na cultura e que se desvela nas conexões e interações existentes entre o local, o nacional e o internacional (PCNs, 1998, p. 98).



Observamos que sobre a importância e necessidade de curso de atualização e capacitação, 100% de professores consideram importante e necessário um curso para quem atua no ensino de Arte e 86% teriam interesse em participar de um curso desta natureza.

Já em relação aos aspectos considerados importantes a serem desenvolvidos em um curso de Arte em Educação, destacamos algumas respostas relevantes:

Docente 1: *“Que ele aborde todas as linguagens e as novas tecnologias (novas propostas) presentes na Arte Contemporânea principalmente.”*

Docente 2: *“Aspectos de natureza prática, que ofereça metodologia diferenciada, novas técnicas, ‘ferramentas’ de trabalho que articulem as linguagens artísticas ao cotidiano dos alunos.”*

Docente 3: *“Aspectos cognitivos, motores, estéticos e a capacidade do ser humano de reconhecer a emoção que vem da forma, do som, da harmonia e da capacidade de expressão.”*

Docente 6: *“Trabalhar a Proposta Curricular do Estado, é muito interessante. Falta apenas pô-la em prática. Trabalhar a Função Social da Arte e os aspectos da evolução histórica etc. De uma forma prática.”*



Docente 7: *“Material pedagógico e como utilizar melhor os recursos tecnológicos.”*

## **Quanto à relação entre tecnologia e Arte**

Na investigação realizada nas escolas, nos deparamos com outro fator relevante, capaz de trazer um novo olhar para o direcionamento da pesquisa: a chegada de novas tecnologias no ambiente escolar. Tal fato, vem refletir diretamente na prática artística dos alunos, o que nos instiga a uma indagação: Como o professor de Arte poderá se apropriar das novas tecnologias?

O Governo do Estado do Rio de Janeiro, em 2010, investiu na modernização do parque de computadores para permitir um melhor uso desses equipamentos nas escolas. O que se propõe é que a tecnologia se torne uma aliada ao processo educacional, sendo utilizada como instrumento para atividade criadora dos alunos. O que implica na necessidade de repensar a teoria e prática desse ensino.

Assim, ao questionar se o processo de mudanças causado pelos avanços tecnológicos tem influenciado suas aulas, 86% professores responderam que sim. Em contrapartida, todos professores disseram utilizar atividades artísticas básicas, tais como: desenhos, recortes e colagens, demonstrando dificuldade e/ou falta de interesse em inserir a tecnologia em suas práticas.

Sabe-se que a tecnologia também é uma ferramenta de expressão e comunicação. Por isso, o diálogo entre as linguagens artísticas e tecnológicas são importantes e precisam ser trabalhadas em sala de aula.

Deste modo, observamos que existe um conflito cultural entre o saber escolar e o saber que vem sendo produzido pelo uso das tecnologias. Barbosa (2001) afirma que se esse conflito não é decorrente do veículo em si, da gramática ou da



articulação da linguagem, mas do seu suporte. Nesse sentido, de acordo com Almeida (2003):

No entanto, o fato de mudar o meio em que a educação e a comunicação entre alunos e professores se realizam traz mudanças ao ensino e à aprendizagem que precisam ser compreendidas ao tempo em que se analisam as potencialidades e limitações das tecnologias e linguagens empregadas para a mediação pedagógica e a aprendizagem dos alunos (Almeida, 2003, p. 329).

Os investimentos em infraestrutura já permitem que as escolas tenham acesso à tecnologia, porém, observamos que os professores apresentam uma formação focada em suas disciplinas e encontram dificuldades de criar situações de observação e conversa partindo de imagens, como reproduções de obras, fotos, vídeos, postais, slides, transparências, desenhos, pinturas etc.

Percebemos a necessidade de entrelaçar a Arte com o computador, tablets, celulares e a televisão, para que possa acompanhar a evolução tecnológica que tanto desperta o interesse dos alunos e avança para dentro da sala de aula.

A proposta é integrar a tecnologia ao desenvolvimento artístico, de maneira que criem situações problemas em que seja exercitada a criatividade para resolvê-los.

A Arte em conjunto com as outras áreas de conhecimento pode problematizar situações em que os alunos tenham oportunidade de perceber a multiplicidade de pensamentos, ações, atitudes, valores e princípios relacionados, à ética; meio ambiente; orientação sexual; saúde; trabalho, consumo e cidadania; comunicação e tecnologia informacional; pluralidade cultural, além de outros temas locais definidos na organização escolar (PCNs, 1998).



## Quanto à visão do aluno sobre a aprendizagem da Arte

Sabe-se que o propósito da Arte no currículo escolar é estimular os educandos a explorarem meios artísticos e proporcionar um veículo para a expressão criativa de cada um. Deste modo, cabe ao professor estabelecer um ambiente propício à criatividade, proporcionando materiais adequados e reafirmando a importância do mesmo.

Barbosa (1985) ressalta que todo artista intrinsecamente é um educador quando “através de sua obra prepara seu público para a aceitação de uma nova estética, de um novo pensamento visual, e isto é função educacional” (BARBOSA, 1985, p. 160).

Assim, dentro da perspectiva construtivista, aprofundamos a ideia de que a aprendizagem escolar supõe, necessariamente, a construção e desconstrução de significados como elemento central do processo educacional. Baseando-se em Piaget (1996), poderíamos dizer que construímos significados integrando ou assimilando o novo material de aprendizagem aos esquemas que já possuímos de compreensão da realidade, onde o educador seria um orientador dessa relação. O educando já desfruta da estética visual antes das experiências escolares, a atenção dos professores deverá estar voltada para o incremento da capacidade e interesse do fazer e viver a arte.

Deste modo, para que a educação através da arte, que tanto desejamos, ocorra efetivamente, Read (2001) afirma que há três atividades que merecem destaque: de autoexpressão, que é a necessidade inata do indivíduo de comunicar a outros indivíduos seus pensamentos e emoções; de observação, que é o desejo de registrar na memória suas impressões sensoriais e, através delas, classificar seu



conhecimento conceitual do mundo; de apreciação, que é a resposta do indivíduo aos modos de expressão de outras pessoas e aos valores do mundo.

À medida que a reforma curricular tem se consolidado, a Arte tem conquistado seu lugar nas escolas e as discussões tem confirmado sua importância para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura.

Nesse sentido, questionamos ainda, a respeito das reações que são comuns a seus alunos perante a disciplina: 21% dos professores relatou que seus alunos demonstram interesse, 22% estranhamento, 0% medo, 7% apatia/indiferença, 7% instigação/curiosidade, 0% rejeição.

Já em relação ao interesse que a disciplina tem despertado nos alunos, 72% dos docentes relataram estarem satisfeitos, 14% insatisfeitos e 14% relatou que nenhuma das alternativas.

Destacamos neste ítem a observação feita por um professor ao responder o questionário no item 'Quanto ao interesse que a disciplina tem despertado nos alunos': *“Nem uma coisa nem outra, entendo que me dedico pouco então não poderia estar satisfeita, mas a questão salarial é fundamental para uma dedicação compromissada e exclusiva. Tenho fontes de renda fora da educação que me permitem um conforto e uma condição econômica que jamais teria se me dedicasse a educação pública. Não me julgo nem satisfeita, nem insatisfeita pois tenho conseguido algumas realizações na medida do possível.”*

Frente tal questão, questionamos: Por que a sociedade aceita tal situação como natural e normal? Onde está a democracia e o direito à educação defendida em políticas educacionais? Qual é o sentido de democracia, qualidade e equidade visto sob a ótica do Estado?



No XV Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil, em 2006, foram discutidas as trajetórias e políticas para o ensino das Artes no Brasil:

[...] hoje o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura estão tentando estabelecer laços que têm rebatimentos naturais. Ações estão acontecendo em estados e municípios com o objetivo de romper as barreiras e criar um campo de transitoriedades possível. Nesse movimento, pretendemos implementar de forma consistente aquilo que deve deixar de ser episódico, ou seja, **a prática continuada de políticas públicas verdadeiramente preocupadas com o aprendizado**. Essas políticas requerem a articulação de pelo menos três dimensões: escala (aumentar a cobertura das ações, romper com os limites das experiências piloto e dos elementos idiossincráticos de várias ações); continuidade (a arrogância do poder não pode fazer com que se quebre uma experiência bem sucedida em nome de outro experimentalismo, isso é absolutamente inconsistente com a idéia de política pública); e “multidimensionalidade” (procurando dar conta da complexidade do fenômeno social e educacional). Então, escala, continuidade e multidimensionalidade são dimensões que nós buscamos articular na elaboração e na condução de uma política pública para a educação e a cultura capaz de cerzir fronteiras e enunciar novos territórios de aprendizagem.

Nosso entendimento é o de que **o ensino das artes passa a ter um papel fundamental, um papel de destaque, nas suas múltiplas linguagens, para poder contribuir para um outro aprendizado e uma outra pedagogia política que torne possível priorizar a educação contemplando os critérios democratização, qualidade e equidade**. (p. 27-28. HENRIQUES, 2006. Grifos nossos.)

Porém, observamos na pesquisa que ora desenvolvemos a presença de contradições entre as discussões políticas, os documentos oficiais e a prática em sala de aula. E este vem sendo nosso objeto de reflexão, no qual buscamos compreender por que os dispositivos legais avançam em relação ao ensino de Arte



nas escolas estaduais do Rio de Janeiro e efetivamente essa realidade não é vista nas escolas estaduais de Campos dos Goytacazes?

A discussão sobre as políticas educacionais para Arte trata de uma temática com várias perspectivas, concepções e atores. Nesse sentido, é fundamental destacar a ideologia presente nesses discursos, que é um produto de uma situação histórica e de um tipo de sociedade; está presente em todas as formas de agir, pensar e se comportar e por isso não se pode falar em política pública fora da relação entre estado, sociedade e mercado.

Trazemos para esta análise o ponto de vista de que a educação não é mercadoria e sim um patrimônio público fundamental para a consolidação da identidade e fator base para o desenvolvimento sócio-econômico do país e que se unirmos forças podemos mudar a trajetória dessa história.

As políticas públicas educacionais no Brasil, até hoje, não conseguiram beneficiar a todos em igualdade de condições, mas isso não significa que não há mais o que fazer, ou que devemos “lavar as mãos” e aceitar que o era possível já foi feito. Tal fato é o que a ideologia neoliberal propaga e, o que Freire (2011) sustenta: “Lavar as mãos” em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele” (Freire, 2011, p.109).

Em tal contexto característico do ideário neoliberal, Freire (2011) ainda adverte sobre a força de nosso discurso ideológico e sobre as inversões que podem operar no pensamento e na prática pedagógica, ressaltando a necessidade e a possibilidade de se promover e de se instaurar uma “ética universal do ser humano”, capaz de garantir que a atual situação seja repensada e revertida.

Sabemos que questões de desvalorização do magistério vêm refletindo profundamente no interesse dos professores por uma prática pedagógica de qualidade, como observamos em relação à professora a quem nos referimos



anteriormente. Durante quatro dias, em dias e horários alternados de suas aulas no colégio, não foi possível encontrá-la.

A referida professora declara o desejo de melhoria do ensino de Arte, e a necessidade de um curso de Arte capaz de: *“Trabalhar a Proposta Curricular do Estado, colocando-a em prática. Trabalhar a função social da Arte, os aspectos da evolução histórica, de forma prática”*, entretanto, reafirma a desmotivação da profissão docente, ao relatar que não teria disponibilidade em participar de um curso de atualização e capacitação em Arte, pois: *“Hoje trabalho em outra profissão (advogo) e já estou quase me aposentando. Não sei se teria disponibilidade.”*

Ilustrando as falas da professora citada, Freire (2011) aponta que:

Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. “Não há o que fazer” é o discurso acomodado que não podemos aceitar. (Freire, 2011, p. 65)

É neste contexto que as palavras como democracia, qualidade e equidade estão enraizadas nos discursos oficiais. As leis existem, avançam, mas as condições de trabalho, os meios e os atores continuam os mesmos. É nesse sentido que a nossa pesquisa vem atentar para a necessidade de políticas públicas realmente comprometidas com o ensino do país.

Durante as observações de aulas de Arte nas escolas pesquisadas, observamos e presenciemos em determinados momentos, professores capacitados e envolvidos com a prática docente, porém, existem forças políticas e econômicas que insistem em operar contra a prática docente eficiente.



## CONCLUSÃO

A Arte na educação não deve significar apenas uma disciplina que compõe o currículo escolar, mas uma atividade criadora que permita expressar sentimentos e dar sentido a questões do cotidiano.

A pesquisa propôs uma reflexão acerca do ensino de Arte presente nas escolas estaduais do município de Campos dos Goytacazes. O modelo atual de ensino, com formação docente inadequada, com falta de preparação específica dos profissionais que trabalham com Arte, não tem proporcionado uma formação de educandos comprometida com a educação estética, sensível e crítica.

A partir dos dados coletados, verificamos que há necessidade de ponderar critérios fundamentados e adequados na escolha de atividades a serem feitas em sala de aula, que utilizem e desenvolvam recursos didáticos e intelectuais capazes de intensificar a relação da criança com as atividades criadoras.

Nossa pretensão é de contribuir para o avanço da compreensão da importância da Arte na educação tal como instrumento pedagógico capaz de proporcionar um processo de aprendizagem comprometido com a cognição e o sensível, tendo em vista, que a relação com a Arte permitirá inter-relacionar diferentes disciplinas do currículo escolar, como por exemplo, ao utilizar sucatas, cores, formas, fantoches, espaços, colagem, pintura, desenhos, música, poesia, dança, dramatização, entre outros, em diversas áreas do conhecimento.

A aprendizagem em ambientes com muitas possibilidades e recursos é mais intensa do que naqueles em que o cotidiano é restrito.

Acreditamos que essa pesquisa poderá trazer contribuições para os profissionais da área, no sentido de levá-los à reflexão sobre este novo enfoque



dados à disciplina Arte, obrigatória nos currículos escolares e, também, evidenciando a necessidade da continuidade de estudos como possibilidade de mudanças em suas práticas pedagógicas.

Ressaltamos a necessidade de políticas públicas no Estado do Rio de Janeiro, capazes de se comprometerem com caminhos que deem conta da urgente tarefa de que haja professores de Arte em todas as escolas do município de Campos dos Goytacazes e que os mesmos tenham uma formação adequada que atenda aos preceitos defendidos pelos dispositivos legais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **“Educação à distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem”**. In: Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v.29, n.2, p.327-340, jul./dez. 2003.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da Educação Artística**. São Paulo: Editora Cultrix, 1985.

\_\_\_\_\_. (org.). **O ensino das Artes nas universidades**. São Paulo: Edusp, 1993.

\_\_\_\_\_. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

\_\_\_\_\_. **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras**. Estud. av. vol.3 no.7 São Paulo Sept./Dec. Disponível no Scielo. 1989.

\_\_\_\_\_. **Arte-Educação: Conflitos/Acertos**. Editora Max Limonad Ltda. 1985.

\_\_\_\_\_. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.



BRASIL. Lei n. 9.394. **Diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União. Brasília, CXXXIV, n. 248, 23 dez. 1996, p. 27833-27841.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais (5ª a 8ª séries): introdução**. Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais (5ª a 8ª séries): arte**. Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação. Plano Nacional da Educação - PNE**. Inep. Brasília. 2001.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Programa de desenvolvimento profissional continuado: parâmetros em ação (1º e 2º ciclos do ensino fundamental)**. Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. **Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF. 1998.

\_\_\_\_\_. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto ciclos. Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC / SEF, 1998.

DUARTE Júnior, João-Francisco. **Por que arte-educação?** 6ª Ed. – Campinas, Papirus. Coleção Ágere. 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 26ª ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HENRIQUES, Ricardo. **Arte e Educação: cerzir fronteiras, enunciar territórios**.

**In: Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil (15.: 2004 : Rio de Janeiro, RJ). XV CONFAEB, 2004: trajetória e políticas do ensino de artes no Brasil**. – Rio de Janeiro : FUNARTE : Brasília : FAEB, 2006.



INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP/MEC, 1980.

MAGALHÃES, A. D. T. V. **Ensino de arte: perspectivas com base na prática de ensino**. In: BARBOSA, A. M. (Org.) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesus; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Senac, 2001.

MEIRA, M.R. **Educação estética, arte e cultura do cotidiano**. IN: Pillar, A.D. (Org.). **A educação do olhar no ensino de artes**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MORAN, José Manuel. **“Ensino e aprendizagem inovadora com tecnologias audiovisuais e telemáticas”**. In: MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos Tarciso, BEHRENS, Marilda A. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 8ª ed. Campinas : Papirus, 2004. p. 11-63.

PEIXOTO, Maria Cristina dos Santos. **Cenários da educação através da Arte: bordando linguagens criativas na formação de educadores (as)**. Rio de Janeiro: Intertexto, 2008.

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. 2ª Ed. Vozes: Petrópolis, 1996.

READ, Herbert. **Educação através da Arte**. Lisboa. Martins Fontes. 2001

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **A desmotivação dos professores**. Tradução João M. Paraskeva / Isabel Vasconcelos. Portugal. Edições Pedagogo, Ltda. 2006.